

## OS KAXINAWÁ E OS BRABOS: TERRITÓRIOS E DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS NAS FRONTEIRAS DO ACRE COM O PERU <sup>1</sup>

*Txai Terri Valle de Aquino  
Marcelo Piedrafita Iglesias*

No Estado do Acre, nos últimos quinze anos, ao longo de toda a fronteira internacional do Brasil com o Peru, têm ocorrido recorrentes conflitos armados, envolvendo, de um lado, índios Kaxinawá dos rios Jordão e Humaitá, Kampa e Kulina do rio Envira, seringueiros do alto rio Tarauacá e índios Jamináwa e Manchineri do alto rio Iaco, e, de outro, integrantes de populações indígenas ainda sem contato sistemático com o mundo dos seringais, conhecidos regionalmente como “brabos”. Violentos enfrentamentos, que mais frequentemente acontecem nos meses do “verão” (junho a setembro), têm resultado em mortos e feridos de ambos os lados.

Em suas andanças pelas cabeceiras desses rios, os “brabos” observam a rotina das famílias nas colocações, identificando casas que possam ser mais facilmente saqueadas. Desta forma, aprendem também a arte de utilizar armas de fogo, cartuchos e munição. Em seus ataques, roubam instrumentos de trabalho (terçados, machados, facas e tigelas de seringa), utensílios (painéis, facas, anzóis, pratos), alimentos, roupas, assim como espingardas.

Para os “brabos”, alguns destes bens possibilitam transformações tecnológicas significativas nas formas tradicionais de levar a cabo suas atividades agrícolas, a caça e a pesca, abrindo alternativas ao machado de pedra polida, à faca de taboca e aos anzóis de osso. Já para os Kaxinawá e os seringueiros regionais, estes saques implicam em recomeçar a vida com muito sofrimento, devido às dificuldades para tornar a adquirir seus pertences mais essenciais numa conjuntura tão adversa da economia da borracha nos altos rios. Muitos se queixam que, após terem suas casas roubadas pelos “brabos”, ficaram “só com a roupa do corpo”.

Neste texto, pretendemos resgatar a secularidade destes conflitos armados entre os “brabos” e os Kaxinawá e seringueiros ao longo da fronteira internacional Brasil-Peru, demonstrando sua continuidade nas diferentes situações históricas que marcaram a vida das populações indígenas inseridas nos seringais nativos dos altos rios do estado do Acre. Será analisado como, nos anos 90, os saques e ataques dos “brabos” nas cabeceiras do rio Jordão resultaram na redefinição das formas de ocupação da Terra Indígena, provocando restrições ao uso de importantes recursos naturais e intensos processos migratórios de grupos familiares Kaxinawá para outros quatro seringais situados fora dos limites da terra já regularizada. Destacaremos, ainda, como esta expansão do território Kaxinawá está contextualizada em processos econômicos e políticos mais amplos, que decorrem da prolongada crise da economia da borracha, da recente criação do Município de Jordão e da atuação de diferentes órgãos do Estado brasileiro.

A partir desta situação vivenciada pelos Kaxinawá do rio Jordão, almejamos contribuir para o enriquecimento de estudos que vêm sendo gerados sobre a importância da empresa seringalista como matriz de apropriação territorial e de organização econômica e social na faixa de fronteira da região amazônica no presente século, a participação dos índios no traçado e manutenção das fronteiras da nação brasileira, as políticas indigenistas do órgão oficial direcionadas a populações indígenas ditas “isoladas” ou “arredias” e processos de construção territorial, frutos das mobilizações dos índios, em situações marcadas pelas ações do Estado nacional e de outros atores dos âmbitos local e regional.

### **Perambulação dos Brabos nas Cabeceiras do Purus e Juruá**

Integrantes de populações ainda sem contato sistemático perambulam pelas cabeceiras de vários rios e igarapés formadores das bacias dos rios Purus e Juruá. Suas malocas e roçados, contudo, ficam situados em território peruano, numa faixa de floresta até há bem recentemente pouco habitada, onde inexistem seringueiras e, até recentemente, o governo do país vizinho não tinha efetivado ações concretas de ocupação e vigilância de sua fronteira internacional.

---

<sup>1</sup> Publicado em **Travessia. Revista do Migrante**, São Paulo, N° 24 (Índios e territórios), janeiro-abril, 1996, p 29-38.

A redução dos territórios tradicionais dessas pouco numerosas populações de “brabos”, iniciada no começo do século com as “correrias” organizadas pelos caucheiros peruanos e os primeiros seringalistas brasileiros, tem continuidade hoje com a construção de guarnições e pistas de pouso militares, a intensificação das ações dos exércitos nacionais, a chegada de novos empreendimentos econômicos incentivados pelo governo peruano, a abertura de estradas e ramais e até pela atuação de grupos guerrilheiros, como o Sendero Luminoso.

As rotas de perambulação e territórios de caça tradicionais dos Masko nos formadores do Purus, compreendendo as cabeceiras do rio Iaco e do igarapé Abismo, foram assim mapeadas pelo sertanista José Carlos dos Reis Meirelles (1984), em relatório que também faz referências a conflitos ocorridos com os índios Jamináwa e Manchineri que moram nas proximidades do PI Mamoodate:

*“Nas cabeceiras dos rios Iaco, Chandless, Purus e Tauhamanu, segundo os índios Jamináwa mais velhos, existem bandos de índios brabos e nômades, por eles denominados de Masko. Encontros esporádicos entre os Jamináwa e os Masko têm acontecido, sempre com mortes de ambos os lados. Há cerca de sete ou oito anos atrás (final dos anos 70), alguns Jamináwa mataram a tiros de arma de fogo alguns Masko, dentro do igarapé Moa, na área do PI Mamoodate. Eu mesmo já encontrei acampamentos desses índios brabos nas cabeceiras do Iaco, do igarapé Abismo para cima. Este igarapé e suas redondezas constituem o grande supermercado dos Jamináwa e Manchineri do PI Mamoodate, que freqüentemente sobem o rio Iaco para se abastecerem de caça e pesca, abundantes na área deste igarapé até o limite oeste da reserva do Mamoodate, coincidindo com o limite Brasil-Peru”.*

As informações sobre as rotas de perambulação nos rios e igarapés formadores do alto rio Juruá, assim como dentro do rio Jordão, são prestadas a seguir pelo cacique Kaxinawá Getúlio Sales Tenê, em depoimento feito em 1987, quando veio a Rio Branco cobrar providências da FUNAI para evitar a continuação dos saques e ataques que estavam ocorrendo no Revisão, último seringal das cabeceiras do Jordão:

*“Quando os brabos saem das malocas deles, lá nos afluentes das cabeceiras do Juruá, nas terras do Peru, eles passam pelo igarapé Bel e Casimiro até nas cabeceiras do Breu. Pegam depois a terra divisor e saem nas cabeceiras do Papavô, que é um igarapé das cabeceiras do Jordão. Daí, descem um pouco o Jordão e atravessam para pegar a boca do igarapé Paranã. Depois sobem esse Paranã até suas cabeceiras, sempre por dentro d’água, que é para não deixar rastro. Dali varam para um igarapé que bota nas cabeceiras do rio Tarauacá. Descendo esse igarapé, saem na colocação São Paulo, que é a última colocação do rio Tarauacá, onde há muito tempo mora o Nanú. Daí é que eles entram no rumo do Envira, passando antes no seringal Cachoeira e Barracãozinho, onde morava o Pedro Biló. Daí descem o igarapé Imbuia até a sua boca com Xinane. Depois descem o Xinane até na margem do Envira. Os brabos vêm juntos até as cabeceiras do Jordão. Aí espalha tudo. Sempre que eles vêm, atacam muitas colocações, mas depois que já fizeram os roubos, voltam pelo mesmo caminho. Tem um caminho por onde esses brabos andam há muito tempo”.*

Certas rotas tradicionais de perambulação dessas populações indígenas foram mantidas, portanto, durante os quase cem anos de existência da empresa seringalista na região, sendo ainda utilizadas nos dias de hoje, principalmente durante os meses mais secos do “verão”.

### **Correrias e Polícia de Fronteira**

Nos seringais das cabeceiras dos rios Jordão e Tarauacá, onde as primeiras levas de nordestinos chegaram até 1903, os conflitos com os “brabos” foram recorrentes ao longo deste século, originando constantes iniciativas dos patrões para “dar segurança aos fregueses” que cortavam seringa nas colocações de centro.

Preciosas referências a este respeito estão contidas no texto “Le Haut Tarauacá” (1926), publicado na Revista **La Geographie** por Constantin Tastevin, padre francês que nos anos 20 viajou e fez desobrigas em

vários rios do então Território Federal do Acre. Em seu texto, o padre aponta a existência de populações “selvagens”, pertencentes ao tronco lingüístico Pano, nas margens dos igarapés Mataparte (ou Bernardo) e Laurita (ou Papavô), afluentes do alto Jordão. No Mataparte, relaciona os Nehanawa, que teriam vindo das cabeceiras do rio Envira após serem atacados por caucheiros e pelos também “selvagens” Kontanawa, Mainawa e Machonawa. No Laurita, revela a existência de agrupamentos Nichinawa, Tchaninawa, Bastanawa, Charanawa, Yambinawa e Chanenawa.

Tastevin cita que, no começo dos anos 20, o patrão do seringal Revisão contratara os serviços do famoso mateiro Felizardo Cerqueira, para que, junto com os Kaxinawá que já amansara, fizesse a “polícia de fronteira” nos altos rios Jordão, Tarauacá e Breu. Diz, ainda, que, em anos seguintes, Felizardo foi arregimentado por representantes do Governo Federal para que, usando a mão de obra dos Kaxinawá, abrisse as picadas e colocasse os marcos na fronteira internacional Brasil-Peru, na região de floresta que se estende entre os altos rios Purus e Juruá.

(Em 1909, Felizardo Cerqueira) “retirou-se entre os Kachinauá do Iboiaçu e os levou ao alto Embira, nas margens do Furnaya, o rio das águas baixas (em pano, besna-ya). Lá, longe dos civilizados, ele os ensinou a colher látex da castilloa elastica, os manteve em paz com os seringueiros e manteve o respeito de outros índios. Em 1919, ele se encontrava nas margens do Aliança, que é para o Embira o que o Jordão é para o Tarauacá. Era pelo Aliança que os caucheiros iam para o Ucayali, depois de uma travessia muito curta por terra, sem encontrar as águas do Purus e nem as do Juruá. Naquela época, os proprietários do alto Tarauacá pediram sua ajuda para se defender contra os índios Papavô que produziam vítimas e numerosos roubos a cada ano. Felizardo estabeleceu-se, com seus índios, nas margens do Formoso, e de lá, em Revisão, onde ele se encontra ainda hoje. A Comissão de Limites pediu o seu auxílio para traçar a fronteira entre o Santa Rosa, sobre o Purus, e o Breo, sobre o Juruá. Graças a ele e aos seus índios, este trabalho correu sem acidentes e já está terminado hoje. Ele deve abrir este ano uma senda entre a foz do Bréo e os montes de Contamana, que formam a fronteira entre o Peru e o Brasil. No verão que vem, a Comissão virá verificar, completar e retificar o seu trabalho, levantar os marcos fronteirios e desenhar o mapa”.

A identidade genérica de Papavô, que então começava a ser utilizada por regionais e pelos próprios Kaxinawá, incluía, na verdade, um amplo conjunto de populações indígenas que tradicionalmente viviam e perambulavam nas cabeceiras dos formadores do alto rio Juruá. Ao longo das duas primeiras décadas de existência dos seringais na região, estes índios foram mortos e escorraçados pelas “correrias” patrocinadas pelos caucheiros e pelos patrões. Os sobreviventes se refugiaram nas cabeceiras dos principais rios e igarapés, alguns se estabeleceram no Peru, tendo seus territórios tradicionais e suas rotas de perambulação bastante reduzidos. Ao roubarem as casas nas colocações, em alguns casos resultando em mortes de seringueiros trazidos do Nordeste, os “brabos” passaram a constituir uma ameaça para a realização das atividades extrativistas, o que provocou ações violentas por parte dos patrões de seringais. Tastevin (1926) fala, com riqueza de detalhes, de massacres promovidos pelos Kaxinawá contra os Papavô, a mando do patrão do seringal Revisão, conforme reproduzido a seguir:

*“Esta história do massacre é terrível. Um conquistador conseguira convencer uns sessenta Papavô a estabelecer-se durante algum tempo no meio dos seus índios amansados. Depois de alguns meses, estes pobres selvagens sentiram falta de sua independência e liberdade: quiseram se retirar. Eles foram fechados dentro de uma barraca sólida e foram chamados apressadamente os índios mansos. Os Papavô passaram dois ou três dias sem poder sair para se aliviar, guardados à vista por civilizados armados até os dentes, esperando a chegada dos outros índios. Eles chegaram, todos armados com carabinas: entregaram-lhes os Papavô, abrindo-lhes a porta da prisão. Foi indicada aos Papavô a direção do porto, que podia ser aquela das ubás que deveriam levá-los para casa: mas, antes que eles tivessem ultrapassado os 50 ou 100 metros que os separavam delas, eles foram colocados na mira, excetuando-se as jovens mulheres, que foram guardadas para os pretensos civilizados; só um homem conseguiu escapar. No ano seguinte, na mesma data, este sobrevivente voltou à cena do massacre com três companheiros para se vingar: eles fracassaram e fugiram. Os índios amansados que os seguiam conseguiram alcançá-los antes que chegassem ao seu acampamento e os quatro foram mortos sem perdão.”*

As iniciativas dos patrões e arrendatários do seringal Revisão para “dar segurança” aos seus “fregueses” continuaram até início dos anos 80, quando, marcando o fim do “tempo do cativo”, os Kaxinawá retiraram todos os ocupantes não-índios, estruturaram sua cooperativa e passaram a controlar todos os seringais da terra delimitada pela FUNAI. Até então, os patrões haviam mobilizado serviços de famílias Kampa (Ashaninka) oriundas do lado peruano e do rio Breu. Além de realizarem visitas periódicas nos “centros” e nas cabeceiras do rio Jordão e seus afluentes, os Kampa caçavam e pescavam para o barracão, cultivavam roçados de terra firme e de praia, reabriam colocações, limpavam caminhos, ramais e estradas de seringa e varejavam balsas de borracha e ubás carregadas de mercadorias.

O seguinte trecho de depoimento gravado em 1987 por Getúlio Sales Tenê informa sobre a secularidade da perambulação dos “brabos” pelas cabeceiras do Jordão, da localização de suas malocas, bem como das iniciativas historicamente postas em prática pelos patrões do Revisão, mobilizando os Kampa, para “dar segurança aos seringueiros”. Faz referência, ainda, a enfrentamentos com os “brabos”, alguns resultando em mortes, e à continuação dos ataques a casas Kaxinawá desse último seringal depois da retirada dos patrões e seringueiros carius.

*“Esta história dos brabos não está acontecendo de agora não. Eu vi falar que, desde o começo da exploração da borracha, os carius iam chegando e matando muitos índios, fazendo correrias. Iam matando e os brabos iam se afastando. Os seringueiros iam chegando e abrindo colocações de seringa até o derradeiro seringal das cabeceiras dos rios. Desde esse tempo das correrias pra cá, mataram muitos índios e os brabos quase todos os anos vêm atacando e roubando as coisas dos seringueiros. No tempo dos primeiros patrões, eles pegavam uma turma de Kampa pra fazer ronda para os seringueiros cortarem em paz, sem medo dos brabos. No tempo que o Ribamar Moura mandava lá, ele foi até as cabeceiras do Breu contratar mais de 20 índios Kampa, que trabalhavam para o peruano Júlio Peres, para eles fazerem ronda nas cabeceiras do Jordão, porque do jeito que tava nenhum seringueiro queria cortar lá com medo dos brabos.*

*O Alberto Carneiro [seringalista de Tarauacá] já fez correrias nas cabeceiras do Juruá e matou muitos índios brabos lá. Ele contou que as malocas dos brabos estão nos afluentes das cabeceiras do Juruá, no lado dos peruanos. No tempo do Júlio Peres, o Quitola Kampa matou muitos brabos lá também. Os brabos fizeram roubo e mataram uma mulher do seringueiro cariu. Os Kampa foram atrás até nas malocas deles, nas cabeceiras do Juruá, no lado peruano, e mataram muitos brabos. E ainda trouxeram uma mulher e quatro meninos dos brabos, que conseguiram escapar dessa correria.*

*Lá no Jordão, os brabos já mataram também muitos seringueiros carius. Teve uma vez que eles mataram um seringueiro e cortaram a cabeça dele. Carregaram as coisas dele todinhas. Depois disso, eles mataram duas mulheres na colocação Cipó. Os seringueiros andavam cortando e só ficaram as mulheres. Uma se chamava até Helena e a outra Miriam. Cortaram a cabeça da Helena e tiraram um neném que tava no bucho da Miriam. Entonce, a gente vem sabendo dessas lutas com os índios brabos desde muito tempo.*

*Depois que o Jordão passou para as nossas mãos, com a saída dos patrões da nossa área, os brabos mataram outra mulher e feriram uma outra chamada Loza com um tiro de espingarda que deram nela, enquanto o marido caçava na mata.”*

Os saques e enfrentamentos armados perduraram por praticamente toda a década de 80, impedindo que os Kaxinawá ocupassem plenamente o seringal Revisão e utilizassem seus ricos recursos naturais. Ao longo dos últimos sete anos, as ações dos “brabos” levaram inúmeros grupos familiares Kaxinawá a abandonar as colocações do derradeiro seringal de sua terra e a migrar para os seringais Boa Esperança, Nova Empresa e São Joaquim, no baixo curso do rio Jordão, estando esses dois últimos situados fora dos limites da Terra Indígena demarcada pela FUNAI em 1986.

### **Saques e Ataques no “Tempo dos Direitos”**

A retirada dos patrões e dos seringueiros regionais do rio Jordão ocorreu em começo do ano de 1980. Nesta época, oito grupos familiares Kaxinawá abriram a nova sede do seringal Revisão. Posteriormente, alguns destes grupos passaram a ocupar colocações de centro situadas em paranãs e igarapés afluentes das cabeceiras do Jordão, dentre as quais, Boca do Novo Acre, Cipó, Paranã, Porto Lino e Macedo. No ano

seguinte, mais quatro grupos familiares extensos mudaram-se para colocações de centro do Revisão, onde passaram a cortar seringa, cultivar seus roçados de terra-firme e de praia, caçar e pescar, aproveitando a grande fartura de caças e peixes ali existente.

Segundo relatos de chefes de grupos familiares Kaxinawá que ainda hoje vivem na sede do Revisão, após a retirada dos patrões, os “brabos” se mantiveram afastados até 1983. Explicam que os “brabos” devem ter demorado esse período para perceber que os Kampa tinham se mudado e os seringueiros haviam saído levando seus cachorros. Data daquele ano o primeiro saque, realizado na colocação Paranã, situada nas imediações da tradicional rota de passagem dos “brabos” nas cabeceiras do rio Jordão. Aproveitando este mesmo caminho, os moradores da colocação haviam saído para visitar parentes no seringal Boca de Pedra, localizado no alto rio Tarauacá. Encontrando a casa desprotegida, os “brabos” levaram todos os utensílios, instrumentos de trabalho e várias mudas de roupas. Nesse mesmo ano, quando os seis seringais do Jordão estavam sendo “rebatizados” pelos professores e lideranças Kaxinawá, o Revisão passou a chamar-se Novo Segredo, em referência aos mistérios e ameaças que começavam a surgir nas cabeceiras do rio.

Em 1984, a casa da colocação Macedo foi roubada por três vezes. Nas proximidades do terreiro da sede do Novo Segredo, os “brabos” aproveitaram uma refeição coletiva, que os Kaxinawá promoviam após proveitosa “pescaria de oaca”, para saquear a casa do professor Noberto Sales. Carregaram estivas, redes, roupas, machado, terçado, bacia de defumar, rádio e até uma máquina de escrever, trazida de um curso de capacitação organizado pela Comissão Pró-Índio em Rio Branco. A máquina foi encontrada quase dois anos depois por outros moradores, durante a realização de uma caçada na “mata bruta”. Ainda em 1984, os “brabos” levaram 4 terçados, 3 machados e 2 enxadas da colocação Boca do Novo Acre. Também ali foi depois roubada casa de Francisco Sabino, atual liderança do Novo Segredo, que nesta época mudou-se para a sede.

Em início de 1985, após forcarem a saída do grupo familiar Kaxinawá que morava na colocação Paranã, os “brabos” aproveitaram legumes, bananas, manivas de macaxeira e sementes de milho e de amendoim de dois grandes roçados e de um bananal ali cultivados. Neste período, grupos formados apenas por homens e rapazes fizeram o transporte por dentro do Paranã, andando da boca às cabeceiras. Ao chegarem perto da boca, evitavam deixar rastros nas praias, preferindo se internar por caminhos na “mata bruta”, para não revelar as rotas que levavam às suas moradias. Chegando na boca do igarapé Paranã, afluente da margem direita das cabeceiras do Jordão, atravessavam este rio, subiam pelo igarapé Seringueirinha, varavam para o igarapé Papavô e saíam no rumo das cabeceiras do alto Jurúá, já em território peruano.

No verão de 1985, durante os trabalhos de autodemarcação da Terra Indígena, os Kaxinawá encontraram nas cabeceiras do Jordão 14 acampamentos usados pelos “brabos” para comer e dormir. Contaram mais de 45 cascos de jabuti moqueados. Enquanto faziam uma empreitada para roçar um trecho da picada, uma das turmas encontrou com dois “índios brabos”, armados de arcos e flechas, que os seguiam de perto e, segundo os Kaxinawá, estavam prontos para flechá-los pelas costas. Os “brabos” vinham trazendo boa quantidade de tigelas de seringa, que jogaram na mata quando fugiram correndo.

Nesse mesmo ano, saqueram a casa de Felizardo Sales e seus filhos, de onde levaram 11 redes, 2 mosquiteiros de casal, 2 espingardas, 1 mala cheia de roupa e 1 rádio. Após terem se mudado para a colocação Macedo, esta família tornou a ser roubada. Ainda em 1985, aconteceu o primeiro incidente com feridos por armas de fogo, quando os “brabos” dispararam tiro que atingiu de raspão a cabeça de Loza Paulino, mulher do seringueiro Dedé Araújo. Enquanto este caçava na mata, dois índios nus, um armado com espingarda, assaltaram a casa, que já vinham rodeando fazia vários dias. Encontraram Loza embalando suas crianças na rede para dormir. Quando a mulher gritou chamando seu marido, o índio atirou, malhando os dois primeiros tiros, provavelmente por não dominar totalmente as técnicas de como carregar cartuchos. O terceiro tiro atingiu Loza, sem, no entanto, matá-la. Roubaram, além de uma espingarda, dois sacos de folhas de tabaco separadas para serem entaniçadas. Logo após o incidente, Dedé e sua família abandonaram o Novo Segredo.

Em 1986, Agostinho Manduca Mateus Murú, durante uma pescaria de tarrafa na boca do igarapé Papavô, acompanhado por dois meninos pequenos, avistou um grande grupo de “brabos”, composto por homens, mulheres e crianças, algumas ainda de colo, descansando nas cabeceiras do rio Jordão. Enquanto

perseguia um cardume de peixes, Agostinho avistou-os num salão, conforme relata em trecho de depoimento gravado em setembro de 1995:

*“Pescando num pocinho, vi um cardume de peixes e dei um lance com minha tarrafa. Os peixes correram no rumo de cima e eu corri atrás. De longe, eu vi os índios. Vi uma pessoa sentada no meio do igarapé, em cima de uma pedra, tirando espinho com uma faca. Eu não sei se era espingarda ou flecha que ele tinha atravessada em cima do bucho dele. Ele estava tirando espinho, sozinho. Tinha um outro bocado fazendo vinho de cajá. Tinha mulheres e crianças. Tinha criança assim de um ano ou dois anos, bem pequenininho mesmo. Eu corri. Eles não escutaram e nem me viram, porque perto tinha um salãozinho com uma cachoeira fazendo zoada. Quando os peixes começaram a passar para o poço de cima, o cara que estava tirando espinho começou a falar com o pessoal dele. Quando ele virou, eu conheci. Era todo raspado na cabeça. Era coroadado. Tava usando a farda dele: cinturão de envira com o pau amarrado pra cima. Também tinha envira amarrada nos braços. Quando ele falou com o pessoal dele, eu vi um montão de brabo na beira do barranco, os homens tudo com arco e flechas. Corri e me escondi atrás de uma pedrona. Quando deu jeito, corri para encontrar os dois meninos, que ainda tavam tarrafeando lá embaixo.”*

Ao longo de 1986, os “brabos” roubaram a casa de Raimundo Macário na colocação de centro Paraíso, quando, junto com sua família, veio à sede do Novo Segredo visitar parentes. Saquearam a casa de Valdir Sereno no centrinho Boa Viagem, do Depósito Salva Vidas, bastante abaixo da sede do seringal. Na colocação Boca do Novo Acre, já abandonada pelos Kaxinawá, arrombaram as paredes da casa, de maneira a facilitar fuga rápida, dormiram alguns dias, comeram jabutis, cozinharam bananas no fogão a lenha e colheram legumes e manivas nos roçados.

Em meados da década de 80, o Novo Segredo chegou a ser habitado por 125 pessoas, contra as 62 que moram neste seringal uma década depois. A partir de 1985, mais de uma dezena de grupos familiares abandonaram algumas das mais ricas colocações das cabeceiras do Jordão e mudaram-se para outros seringais do baixo curso do rio. Até então, haviam sido roubadas 10 espingardas e, além do desgosto pelas perdas materiais, os Kaxinawá temiam pela irrupção de violentos conflitos armados. Os grupos familiares que preferiram permanecer no Novo Segredo se concentraram na sede e no Depósito Salva Vidas, bem como em três outras colocações próximas a este último: Araçá, Boa Viagem e Morada Nova.

### **Pressões das lideranças Kaxinawá: Frente de Atração Rio Jordão**

Em 1985, quando foram à Brasília exigir a inclusão de sua terra nos trabalhos de demarcação física a serem realizados com recursos do “Plano de Proteção do Meio Ambiente e das Comunidades Indígenas” (PMACI), financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), como parte do contrato de empréstimo para a pavimentação da BR-364 no trecho Porto Velho-Rio Branco, as lideranças Kaxinawá reivindicaram, na ADR-RBR e na sede do órgão na capital federal, que a Presidência da FUNAI tomasse providências para interromper os seguidos saques dos “brabos” no Novo Segredo, evitando, desta forma, possíveis mortes e enfrentamentos sangrentos. Em 1987, o cacique Getúlio Sales Tenê voltou a Rio Branco, onde reiterou estas mesmas reivindicações junto à Administração Regional local.

Em fevereiro de 1987, após já ter enviado uma série de documentos aos dirigentes do órgão em Manaus e Brasília, o administrador em Rio Branco, Antônio Pereira Neto, encaminhou à Presidência da FUNAI o “Projeto para a Instalação da Frente de Atração Rio Jordão, na Jurisdição da Administração Regional de Rio Branco/Ac - 5ª Superintendência Executiva Regional”. Nesta proposta, Pereira Neto arrola as seguintes justificativas para a implantação da Frente de Atração (FA) e alerta para as seguidas reivindicações já feitas pelas lideranças Kaxinawá:

*“A presença de um grupo de índios desconhecidos, nus, armados com armas-de-fogo, nas cabeceiras do rio Jordão e cabeceiras do igarapé Breu, Município de Cruzeiro do Sul e Tarauacá/Ac; mais especificamente na Área Indígena Rio Jordão, da jurisdição da ADR-RBR/5ª SUER, motivou o desespero dos índios Kaxinawá da AI Rio Jordão, que, freqüentemente têm apelado à ADR-RBR para que a FUNAI tome providência no sentido de evitar o esbulho permanente ao qual vêm sendo submetidos, inclusive com a expulsão de seus seringais mais produtivos: Novo Segredo e Bondoso. Além de estarem obrigando os*

*Kaxinawá a deixarem seus seringais, estes índios desconhecidos costumam se apoderar de todo o equipamento que os Kaxinawá às duras penas têm adquirido: armas-de-fogo, munição, cobertores, redes, painéis, terçados, roupas e -pasmem- até a máquina de escrever da escola do Novo Segredo eles levaram. Além disso, o risco de vida permanente a que estão submetidos, juntamente com o prejuízo econômico por não poderem usar integralmente seu seringal, fizeram com que os Kaxinawá permanentemente reivindicassem uma tomada de posição da ADR-RBR sobre a questão (...) Todos os argumentos e documentos já apresentados à 5ª SUER e à SUGE/BSB, assim como a entrevista particular que o líder dos Kaxinawá da AI Rio Jordão, Sueiro Cerqueira Sales, teve com o Sr. Presidente da FUNAI, justificam a necessidade desta Frente de Atração”.*

A equipe da Frente de Atração, que seria chefiada pelo sertanista José Carlos dos Reis Meirelles, deveria contar ainda com um atendente de enfermagem, um auxiliar de sertanista, um motorista fluvial e 5 auxiliares de serviços gerais: *"estes, de preferência, deverão ser índios: 3 de língua Pano e 2 de língua Aruak, para trabalharem como braçais e intérpretes"*. Tal como também citado no Projeto, *"o objetivo da Frente de Atração Rio Jordão será entrar em contato pacífico com o grupo de índios arredios desconhecidos que têm como área de perambulação a fronteira do Acre com o Peru, mais especificamente a Área Indígena Rio Jordão e as cabeceiras do Igarapé Breu. Com o decorrer dos trabalhos, verificar-se-á se estes índios serão atraídos para um local a ser fixado pela equipe encarregada dos trabalhadores"*.

A base da Frente de Atração Rio Jordão, criada através da Portaria do Presidente da FUNAI nº 0236, de 12 de fevereiro de 1987, deveria ser fixada nos seringais Novo Segredo e Bondoso (antigo Transual). No verão desse ano, Meirelles chefiou a equipe responsável pelo mapeamento das rotas dos “brabos” nas cabeceiras do Jordão e do Envira, bem como pela inicial instalação da infra-estrutura da FA. Além de Meirelles, a equipe esteve formada por um auxiliar de sertanista, um enfermeiro da FUNAI, um cozinheiro e seis índios Kaxinawá, dentre eles, o velho chefe Sueiro Cerqueira Sales. Na sede do Novo Segredo foram deixados equipamentos necessários à instalação de um aparelho de radiofonia, que não pôde ser devidamente ativado. Da sede, andaram até acima do igarapé Papavô, no local chamado Apertado. Ali, os Kaxinawá brocaram e derrubaram um pequeno trecho de floresta, onde Meirelles pretendia cultivar um roçado para o abastecimento dos integrantes da Frente. Subindo o Jordão, chegaram à “terra divisão”, onde está situado um dos marcos da fronteira internacional Brasil-Peru. Andando pelo “lombo da terra do divisor”, alcançaram as cabeceiras do Imbuia. Desceram cinco dias por dentro deste igarapé até a foz do Toaiá. A equipe então subdividiu-se em duas: a primeira desceu o Imbuia até alcançar sua foz no igarapé Xinane e daí até a boca deste no rio Envira, local onde encontraram as primeiras casas de aldeias Kampa; a outra parte voltou do Toaiá, passando pelas cabeceiras do rio Tarauacá até alcançar novamente o seringal Revisão.

Em seu relatório de viagem, Meirelles (1987) informa sobre os seguidos ataques sofridos pelos Kaxinawá do Jordão e pelos Kampa e Kulina do alto Envira, ressaltando como as duas primeiras populações haviam sido forçadas a abandonar seus locais de moradia e a mudar-se para outros seringais:

*“De uns 5 anos pra cá, um fato novo começa preocupar os Kaxinawá do Jordão e os Kampa e Kulina do Envira: A presença de índios isolados que começam a usar armas de fogo, roubadas dos Kaxinawá e Kampa, seringueiros regionais e, quem sabe, de peruanos, testando-as nos Kampa e Kaxinawá.*

*O aumento dessa presença, roubos e ataques, fez com que os Kaxinawá do último seringal da área indígena Kaxinawá do rio Jordão -Seringal Revisão- fosse praticamente abandonado. Os Kampa tiveram que se mudar rio abaixo pela mesma razão. Mesmo assim, os grupos isolados continuam a furtar os Kampa e Kaxinawá (...)*

*Nus, o alto da cabeça raspada e o restante dos cabelos compridos. Pintados de urucu, Os Kaxinawá os chamam de Papavô.*

*Todas as vezes que ocorre um saque, os isolados tomam o rumo do igarapé Papavô, o sobem, ganham a terra firme entre suas cabeceiras e as cabeceiras do rio Breu e rumam para território peruano, onde provavelmente tem suas malocas. É a região das cabeceiras do Jurú.*

*Perambulam pela área Kaxinawá, indo até as cabeceiras do Rio Tarauacá, onde existem seringueiros carius que também são roubados. Isso no verão, onde a mata por onde se anda não deixa vestígios visíveis. No inverno se afastam mais.*

*É um grupo que já adquiriu novas necessidades, que são supridas através de ataques e saques a brancos e índios aculturados.”*

Após esta primeira viagem de reconhecimento, Meirelles propôs como estratégia de atuação a criação do “Sistema de Proteção Rios Jordão e Envira” (SPRJE), que contaria com duas bases, uma nas cabeceiras do Jordão e outra nas do Envira. Planejou também a abertura de uma “picada” da boca do igarapé Papavô, passando pela boca do Embuia, até nas cabeceiras do igarapé Jaminauá, com dois ou três roçados abertos em pontos estratégicos. Para o ano de 1988, solicitou a construção de duas pistas de pouso, uma em cada base, prevendo a utilização dos serviços de índios Kaxinawá e Kampa. Neste documento, Meirelles recomendou, ainda, a interdição da “área de perambulação” desses grupos “isolados”, anexando propostas de mapa e de memorial descritivo. Esta sugestão levou a Presidência da FUNAI a decretar, em 1987, a interdição, “para fins de estudo e definição”, das Terras Indígenas Alto Tarauacá e Xinane, com 52.000 e 175.000 ha, respectivamente.

Meirelles apresentou as seguintes justificativas para a criação do SPRJE: “a) *proteção de 4 grupos indígenas isolados existentes na área de sua atuação;* b) *proteção das comunidades indígenas Kaxinawá, Kampa e Kulina, vizinhas a estes grupos, evitando situação de confronto direto entre estes grupos indígenas, já existente na região;* c) *preservação ecológica dessa importante área de terra, por nela estarem as cabeceiras dos rios Jordão, Envira, Breu, Humaitá, Tarauacá, Murú e Santa Rosa, ainda não depredadas nem invadidas;* d) *manutenção do sistema de vida dos índios isolados, a não ser que ocorra um contato espontâneo, já que 2 dos 4 grupos existentes já adquiriram novas necessidades, que atualmente só são cumpridas através de saques aos índios aculturados e seringueiros;* e) *evitar a penetração na área de caçadores, pescadores e madeireiros, além de qualquer outra atividade econômica que por ventura seja tentada;* f) *conhecimento mais aprofundado da área de perambulação desses grupos;* e g) *presença efetiva e constante da FUNAI na região, antes que problemas maiores surjam, ameaçando a sobrevivência física e cultural desses grupos indígenas.”*

No ano seguinte ocorreu a implantação da base da Frente de Atração Rio Jordão (FARJ), que acabou localizada na boca do Igarapé Xinane, afluente da margem esquerda do alto rio Envira. Esta iniciativa resultou do acirramento dos conflitos entre “brabos” e os Kampa que habitam na Terra Indígena Kampa do Rio Envira<sup>1</sup>. Em meados da década de 80, vários índios Kampa chegaram a Rio Branco baleados e flechados, trazendo notícias de grandes massacres que seus parentes haviam realizado contra os “brabos” em represália a ataques e saques. Nos oito anos de trabalho como coordenador dessa Frente de Atração, Meirelles e suas sucessivas equipes de trabalhadores têm, ao invés de tentar “atrair” ou “amansar” os “brabos”, procurado conscientizar os Kampa das cabeceiras do Envira e, assim, evitado a repetição dos sangrentos enfrentamentos e dos seguidos saques.

### **“Brabos Brabos” e “Brabos Mansos”**

Os Kaxinawá denominam os integrantes dessas populações indígenas sem contato sistemático de “índios brabos”, em português, e de “Jamináwa”, em *hãtxa kuin*, sua língua materna. No seguinte depoimento, o cacique Getúlio Sales Tenê fala da aparência destes “brabos” e de algumas das estratégias por eles usadas para roubar bens industrializados (sobretudo, armas de fogo) das casas Kaxinawá do seringal Novo Segredo:

*“Esses índios brabos, nós chamamos de Jamináwa. Eles andam nus, com o pau amarrado pra cima num cinto de envira. Têm cabelo grande, mas raspado no meio da cabeça, parecendo uma coroa que os padres usavam de primeiro. Por isso, muitos carius chamam eles de coroados. São altos e fortes. Usam arco e flecha, mas já aprenderam a atirar de espingarda. Eles já roubaram mais de 30 espingardas lá do Jordão, principalmente do Novo Segredo, e bem umas 50 dos seringueiros do rio Tarauacá. Quando os brabos chegam numa colocação, ficam escondidos atrás das árvores muitos dias. Passam dois a três dias prestando*



*atenção no que o seringueiro e a sua família ficam fazendo. Eles ficam escondidos também para ver como o seringueiro caça com a espingarda e, assim, vão aprendendo. O índio brabo é que nem onça e veado: se esconde na mata e ninguém acha.”*

As rotas de perambulação dessas populações dentro do Jordão, mantidas ao longo de quase um século após a abertura do Revisão nas cabeceiras do rio, são detalhadas a seguir pelo pesquisador Kaxinawá Agostinho Manduca Mateus, há mais de 15 anos morador desse seringal.

*“As cabeceiras dos rios Juruá, Jordão, Tarauacá e Envira são bem próximas. Esses brabos vêm das cabeceiras do Juruá. A moradia deles parece que é nas cabeceiras do Toroya e do Pitiá. Esses igarapés botam na margem direita do alto Juruá. O Toroya, o Breu e o Papavô nascem numa mesma chapada, onde tem um marco da linha de fronteira do Brasil com o Peru. As cabeceiras do Toroya e do Breu ficam bem pertinho das cabeceiras do Papavô, paranã que bota dentro do Jordão. Esse paranã chama assim por causa desses índios Papavô, como nós costumava chamar os brabos de primeiro. Ouvi falar que nesse paranã os patrões mandaram fazer muitas correrias. Diz que ali mataram mais de 100 Papavô de uma só vez. Depois que chegaram os carius aqui, os brabos sempre continuaram andando pelas cabeceiras do Jordão.*

*Os brabos saem das cabeceiras do Toroya e entram pelas cabeceiras do paranã Papavô. Às vezes, descem o igarapé Seringueira para varar pro Papavô. Dali descem sempre por dentro d'água até chegar onde o Papavô bota dentro do Jordão. Atravessam o Jordão e vão subir por dentro do Paranã. Das cabeceiras do Paranã pegam as varações até chegar nas cabeceiras dos igarapés que botam na margem esquerda do Tarauacá.”*

Os Kaxinawá diferenciam estas populações daquelas que chamam de “brabos mansos”, categoria através da qual se referem aos Jamináwa que habitam no rio Vacapistea, afluente das cabeceiras do alto rio Juruá, em território peruano. Índios Kampa que já visitaram aquele rio contam da existência de grande aldeamento, com cerca de 400 Jamináwa, e da presença, há mais de duas décadas, de missionários americanos do Instituto Lingüístico de Verão. Os Kaxinawá, por sua vez, brincam que os “brabos mansos”, ao perambular e roubar nas cabeceiras dos rios Jordão, Tarauacá, Humaitá, Murú e Envira, fazem seus “projetos”, se aviando de mercadorias e instrumentos de trabalho nas casas de índios e seringueiros regionais.

## **Vinganças**

Até 1988, os saques feitos pelos “brabos” nas colocações de centro do seringal Novo Segredo continuaram implicando na perda, por vários grupos familiares Kaxinawá, de grande quantidade de espingardas, roupas, redes, utensílios, estivas e outros “objetos de valor”.

Em final de 1988, uma turma de homens do seringal Bondoso, liderada por Eliseu Sereno, subiu até as cabeceiras do Jordão para realizar uma “caçada de dormida”. Quatro caçadores Kaxinawá encontraram com dois “índios brabos” andando por dentro do igarapé Papavô, carregados de mercadorias roubadas da casa de um seringueiro do alto Tarauacá. Após matarem um e balearem outro, os caçadores Kaxinawá rumaram para seu acampamento, onde foram emboscados a tiros por um numeroso grupo de “brabos”, conforme relata o seguinte texto escrito na época pelo professor do seringal Três Fazendas, Edson Medeiros Ixã:

*“Eu vou lhe contar o que eu vi: acontecimento dos índios brabos. Eliseu Sereno fez serviço neles. Nós chegamos 10 horas da manhã onde Meirelles mandou brocar roçado quando andou nas cabeceiras do Jordão atrás de encontrar onde viviam os brabos. Arrumamos o acampamento que Meirelles tinha feito, almoçamos e fomos caçar. Eram 8 pessoas e eram 12 horas do dia. Quando deu 12 e meia, eu escutei 3 tiros seguidos. Quando foi 3 horas da tarde, desci no igarapé e ouvi 8 tiros seguidos. Aí, fiquei meio cismado. Fui andando no igarapé Papavô e vi logo uma panela na beira. Eu fiquei com medo porque eu sabia que era brabo. Naquela hora eu ouvi mais 3 tiros. Cheguei bem pertinho para reparar. Tinha muitas coisas. Era panela, maleta, pratos, colheres, roupas, banha de porco, 2 pedaços de tabaco, cartucho de metal e talão do freguês. Desabei no rumo do nosso acampamento. Quando cheguei, todo molhado de suor, meu pessoal me avisou assim: “Corre, rapaz! Aqui os brabos estão atirando em nós. Por isso tamos todos com nossas armas”.*

*Eliseu me contou bem o que eles fizeram com os brabos. Disse que encontraram eles andando dentro do igarapé Papavô. Disse que eram só duas pessoas, os brabos. Mataram um e o outro foi bem baleado. Disse que trouxeram um bocado das coisas que eles levavam. Quando chegaram no acampamento, tomaram banho. Assim que mudaram de roupa, Eliseu disse que deitou na sua rede e o brabo atirou nele. Quando os brabos atiraram, eles gritaram. Aí, os Kaxi atiraram também no rumo que os brabos estavam atirando.*

*Isso que aconteceu. Só que eu não vi o morto. Nós voltamos no mesmo dia. Disse que quem deu o primeiro tiro foi o Francisco. Eliseu segundou aquele que morreu. O outro foi baleado com um só tiro de espingarda. Era calibre 36. Esse que morreu, levava uma maleta cheia de coisas, bem 5 litros de farinha e machado com cabo e tudo. O que foi baleado levava só espingarda. Mas, não deixou a espingarda dele. Disse que eles andavam nus, sem roupa. Só tinha envira amarrada no braço e tinha cinturão de envira pra segurar o pau pra cima. As testemunhas eram Adalberto Sereno, João Marinoso, Francisco Alves de Souza e Eliseu Sereno. Disse que deram 3 facadas no morto. Sangraram ele”.*

Após este acontecimento, mais do que roubar as casas dos Kaxinawá, os “brabos” passaram a vingar seus parentes, atacando e ferindo, coincidentemente, apenas integrantes do grupo familiar de Sereno, cuja liderança principal encabeçara a fatídica expedição de caçada nas cabeceiras do Jordão. Em 1990, enquanto descia o rio varejando em sua ubá, Adalberto Sereno foi baleado pelos “brabos” no braço e no rosto. No verão de 1994, Osvaldo Sereno foi baleado nas costas, quando subia a pé margeando praias acima da sede do seringal Bondoso. Assim conta Agostinho Manduca Mateus, no seguinte texto escrito em 28 de novembro de 1994:

*“Vou contar história dos índios arredios que aconteceu no Novo Segredo com o seringueiro Osvaldo Sereno Ikãmatsi, jovem de 23 anos, morador da colocação Boa Viagem, do Depósito Salva Vida. Ele foi acidentado pelos brabos em 29 de maio de 1994, acerca de 5 horas da tarde. Nesse dia, ele tinha ido junto com seu irmão Valdir Sereno Ibã, de 28 anos, para ajudar seu cunhado Francisco Paulino Keã coletar uma estrada de seringa da colocação Araçá. Eles saíram às 5 horas da manhã do Depósito Salva Vida. Chegaram às 6 horas no Araçá. Saíram para o serviço às 7 horas. Terminaram de coletar a estrada às 3 horas e foram comer na casa do cunhado. Saíram quase 5 horas e andaram somente uns 10 minutos. Eles vinham andando tranqüilos, contentes, no meio do estirão do rio Yuraiá. Quando chegaram na ponta da praia e foram subindo, ouviram espingarda detonar e Osvaldo recebeu um tiro nas costas. No susto que teve, ele deu um pulo. Valdir ficou no mesmo canto. Não demorou um segundo, ouviram um estalo e a flecha estava enfiada na praia entre eles dois. Foi mesmo que um relâmpago. Valdir gritou para seu irmão: “Osvaldo, corre que é Jamináwa”. Osvaldo correu no rumo de cima, chumbado. Valdir correu no rumo de baixo, voltando, mais ou menos 50 metros, subiu no barranco e se escondeu atrás de uma ingazeira. Quando olhou para trás, os Jamináwa já estavam todos na praia. Eram 6 pessoas: um com espingarda na mão, 4 com arcos e flechas e o outro com terçado. Valdir gritou chamando seu cunhado. Os Jamináwa responderam, falando com Valdir. Demoraram mais ou menos 5 minutos conversando com Valdir, mas ele não compreendeu o que estavam dizendo.*

*Francisco Paulino, quando ouviu o tiro e os gritos, falou para a mulher dele, Maria Sereno: “Seus irmãos estão sendo atacados pelos índios brabos. Eu vou já socorrer eles”. Pegou a espingarda e correu. Quando ele já ia apontando no estirão, os Jamináwa subiram. Ele gritou perguntando o que estava acontecendo. Seu cunhado respondeu que era brabo. Quando encontrou com ele, contou o que tinha acontecido. Francisco Paulino deu um tiro. Os Jamináwa ainda responderam, gritando. Valdir então falou para o cunhado dele: “Agora vamos atrás do meu irmão Osvaldo, que eu estou muito preocupado com ele”. Seguiram no rumo de cima, chamando. Osvaldo respondeu no barranco: “Chega, meu irmão, que estou baleado”. Quando chegaram, Osvaldo estava todo melado de sangue. Tinha pegado um caroço de chumbo debaixo do braço esquerdo. A valença foi que o chumbo ficou entre o osso e a carne. Levaram ele baleado para se tratar em Tarauacá.*

*No final de julho, quando Osvaldo chegou da rua, foi só para pegar sua bagagem. Depois desse desastre que aconteceu com o Osvaldo Sereno, 7 famílias saíram, desocupando 3 colocações e 1 depósito do seringal Novo Segredo: 2 aposentados, 6 seringueiros, 3 alunos e o cantineiro do Depósito Salva Vida se mudaram para o Astro Luminoso com todas as suas famílias. Genésio Pinheiro ficou na colocação Jurema, no seringal Boa Esperança, e Francisco Pinheiro na colocação Cumarú, no seringal Belo Monte.”*

## Migrações e Restrições à Utilização das Cabeceiras do Rio Jordão

Conforme atesta o trecho final do texto de Agostinho, os constantes ataques dos “brabos” e o medo de conviver com sua presença nas proximidades das casas, têm provocado intensos movimentos migratórios rumo a colocações de margem dos seringais do baixo rio Jordão, envolvendo uma dezena de grupos familiares Kaxinawá, aproximadamente 60 pessoas. Muitos destes grupos ocuparam, nos últimos anos, colocações dos seringais Alto do Bode, Boa Esperança, Nova Empresa e São Joaquim, estes dois últimos situados abaixo dos limites da Terra Indígena regularizada pelo Governo brasileiro. Em início de 1992, estes quatro seringais já abrigavam 589 Kaxinawá, ou 58% do total da população indígena. Esta tendência intensificou-se significativamente nos últimos três anos. Por outro lado, devido ao esvaziamento das colocações das cabeceiras do Jordão, os “brabos” têm, em expedições pelas terras dos divisores de águas, saqueado casas nos centros do Bondoso e Belo Monte.

Todos os anos, com a chegada do “verão”, integrantes das poucas famílias Kaxinawá que ainda permanecem no seringal Novo Segredo encontram rastros e avisos dos “brabos” nos caminhos e piques de caça, têm suas estradas desentigeladas e os utensílios de seringa estragados e jogados na mata. Em muitas noites sem lua, acordam com medo, ouvindo latidos e ganidos de seus cachorros, que pressentem a presença de “brabos” nas cercanias dos terreiros. Nos dias seguintes, ninguém ousa sair de casa, nem para as costumeiras caçadas nas matas próximas às colocações.

Estas famílias Kaxinawá do Novo Segredo têm sido impossibilitadas de aproveitar os ricos recursos naturais existentes nas cabeceiras do rio Jordão, área de florestas que constitui cerca de 30% da extensão total da Terra Indígena regularizada com 87.293 ha. Ali, existe grande número de colocações desocupadas, cujas estradas de seringa também se encontram "vadiando". Ao longo da última década, com o gradual abandono dessas colocações de centro, diferentes espécies de caça têm logrado se reproduzir em abundância, tornando o Novo Segredo o mais importante refúgio de "caças grandes" na Terra Indígena. Em suas florestas vivem certos bichos não mais encontrados em outros trechos do rio Jordão, por exemplo: anta, queixada, jacaré, tracajá, mutum, cujubim e algumas variedades de macacos. Da mesma forma que para a caça, as cabeceiras do Jordão abrigam a maior quantidade e variedade de peixes, principalmente aqueles classificados pelos Kaxinawá como “baká ewapabú” (peixes grandes), que se concentram nos poços rasos formados nas margens pedregosas do alto Jordão e dos paranãs Papavô, Mata Paste e Floresta.

## Redefinições Territoriais: ampliação do território Kaxinawá e Município de Jordão

No ano de 1992, foram emancipados doze novos municípios no estado do Acre. Através da Lei 1.034, de 28 de abril de 1992, foi criado o Município de Jordão, com 559.000 ha, área desmembrada do Município de Tarauacá. Sua instalação ocorreu em 1 de janeiro do ano seguinte. De acordo com dados do Escritório Estadual do IBGE no Acre, em final de 1991, população do Município de Jordão era de 5.374 pessoas. Recenseamento promovido pela ASKARJ, nesta mesma época, revelou a existência de 1.015 Kaxinawá, ou 19% da população total do município. Em final de 1994, a população Kaxinawá já havia aumentado para cerca de 1.200 índios.

Estudos formulados pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTMA) do Governo do Acre informavam que apenas 0,2% da extensão do Município de Jordão havia sido alterada por ação antrópica. Por outro lado, 25% de sua extensão correspondia à Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão e a partes de outras Terras Indígenas, também incidentes nos Municípios de Feijó e de Marechal Thaumaturgo<sup>2</sup>. Conferindo o dado relativo à extensão exata da Terra do Rio Jordão, ficavam assim discriminadas as terras incidentes no Município de Jordão:

	<b>Extensão (ha)</b>	<b>%</b>
Município de Jordão	559.000	100,0

TI Kaxinawá do Rio Jordão	87.293	15,6
TI Jamináwa Arara do Rio Bagé	3.750	0,7
TI Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu	14.242	2,6
TI Alto Tarauacá	30.083	5,4
Área Municipal Restante	423.450	75,7

**Fonte Base:** Anexos do “OF/SECTMA/No. 164/91”, de 17 de dezembro de 1991

Ao longo da década de 90, vários fatores, dentre os quais, as restrições ao uso das cabeceiras do Jordão devido aos ataques dos “brabos”, contribuíram para que os Kaxinawá engendrassem importantes mobilizações para a redefinição de seu território, antes circunscrito à Terra Indígena regularizada em 1991. Através de mobilizações locais das lideranças e de outros chefes de grupos familiares extensos, bem como da representação política exercida através da Associação dos Seringueiros Kaxinawá do Rio Jordão (ASKARJ), lograram ocupar e controlar mais quatro seringais, que somam cerca de 23.000 ha de florestas contínuas e limítrofes aos seringais Boa Esperança e São Joaquim.

A partir de 1990, vários grupos familiares Kaxinawá ocuparam o Nova Empresa e São Joaquim, seringais localizados abaixo do limite norte da Terra Indígena, que há muitos anos se encontravam “sem patrão”. O antigo proprietário, Altevir Leal, vendera esses seringais ao empresário José Alves Pereira Neto, que depois veio a se envolver no desvio de significativas quantias de verbas financiadas pelo Banco do Brasil para a implantação de uma usina de fabricação de álcool, a Alcobrás, no Município de Rio Branco. Devido a essas irregularidades e às dívidas não pagas por José Alves ao Banco do Brasil, o Nova Empresa e o São Joaquim foram penhorados em fevereiro de 1992. Com recursos canalizados do *Projeto de Implantação da Reserva Extrativista do Alto Juruá e Desenvolvimento Comunitário das Áreas Indígenas Circunvizinhas*, financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) entre 1990-92, as lideranças Kaxinawá instalaram a sede da cooperativa no seringal Nova Empresa e estabeleceram acordos comerciais e de utilização das colocações e estradas com os seringueiros regionais que ali habitavam. Essas iniciativas gradualmente legitimaram, na região da Vila Jordão e do alto Tarauacá, um consenso entre autoridades e vereadores, proprietários, arrendatários, comerciantes, patrões e seringueiros a respeito dos direitos dos Kaxinawá sobre esses dois seringais do baixo curso do rio Jordão.

Os seringais Nova Empresa e São Joaquim contam com 40 estradas de seringa, distribuídas em 10 colocações. Além de ocupar boa parte destas colocações, grupos familiares Kaxinawá abriram novos locais de moradia. Outro fator que contribuiu para o efetivo controle desses seringais pelos Kaxinawá foi a mudança do grupo familiar extenso do cacique Getúlio Sales Tenê para a sede do Nova Empresa, ocorrida em final de 1991. Em uma colocação de centro próxima à sua casa, a principal liderança política Kaxinawá passou a criar algumas cabeças de gado. Nos anos de 1992-93, a colocação ocupada por Getúlio abrigou uma nova sede da cooperativa, cujo funcionamento foi parcialmente viabilizado com recursos concedidos pela World Wildlife Fund (WWF) para a implementação do *Programa de Desenvolvimento Sustentado da Área Indígena Kaxinawá do Rio Jordão*. Nesta mesma época, vários outros grupos familiares Kaxinawá chegaram aos seringais Nova Empresa e São Joaquim, boa parte dos quais chefiados por velhos aposentados, que se beneficiam da maior proximidade da sede municipal para receber mensalmente seus vencimentos do FUNRURAL.

Nos anos de 1993-94, a ASKARJ comprou os seringais Independência e Altamira, localizados no alto rio Tarauacá, cujos fundos fazem limites com os seringais Boa Esperança e São Joaquim, controlados pelos Kaxinawá no rio Jordão. Esses cerca de 12.000 ha de floresta abrigam 13 colocações e 48 estradas de seringa. Ambos seringais são ricos em seringa, igarapés, lagos, praias, florestas e refúgios de caça. Os processos de sua ocupação foram iniciados em final de 1993, com a chegada de oito famílias extensas Kaxinawá, em torno de 60 pessoas, inclusive parte da família do cacique Getúlio Sales. Nos dois últimos anos, continuaram chegando outras famílias Kaxinawá, algumas das quais haviam temporariamente ocupado colocações dos seringais Nova Empresa e São Joaquim. Nas sedes do Independência e do Altamira, assim como em outras colocações de margem, construíram suas casas, colocaram seus roçados de terra-firme e começaram a cortar as estradas de seringa.

A ASKARJ, em documento enviado em final de 1993 ao Departamento de Identificação e Demarcação de Terras da FUNAI, reivindicou a inclusão dos seringais Nova Empresa, São Joaquim, Independência e Altamira nos trabalhos de identificação de terras indígenas levados a cabo pelo Grupo Técnico PP 1.204/93, constituído pelo órgão indigenista a partir de convênio firmado com a Embaixada da Suíça e a Comissão Pró-Índio do Acre. Como resultado dos trabalhos realizados pelos membros desse Grupo Técnico, foram elaboradas propostas de criação de duas novas terras indígenas: Kaxinawá do Seringal Independência e Kaxinawá do Baixo Rio Jordão.

A partir de meados de 1994, a ocupação econômica e o controle efetivo dos seringais Nova Empresa, São Joaquim, Independência e Altamira pela população Kaxinawá têm se viabilizado, em parte, através do acordo de cooperação estabelecido entre a empresa Couro Vegetal da Amazônia S.A. e a ASKARJ para a produção de “lâminas de couro vegetal”. A possibilidade de melhorar a qualidade e o preço da borracha através dessa nova parceria comercial têm motivado famílias Kaxinawá a reabrir colocações de centro, algumas das quais estavam desativadas há mais de 3 anos.

Estes processos de ampliação do território Kaxinawá, devem, por fim, ser contextualizados no bojo de transformações territoriais, políticas e econômicas que ganharam força a reboque da profunda crise que vem assolando a economia da borracha do seringal nativo nos anos 90, da criação do Município de Jordão e de ações do Governo Federal, através do IBAMA, na área de jurisdição municipal.

Em janeiro de 1992, os seringais Nova Empresa, Boa Vista, Massapê e Duas Nações foram desapropriados pelo IBAMA, assim como acontecera com o conjunto dos seringais incidentes na Reserva Extrativista do Alto Juruá, uma área de 506.000 ha distribuída nas adjacências do limite oeste do Município de Jordão<sup>3</sup>. Aqueles quatro seringais, todavia, estão situados nas bacias dos rios Jordão e alto Tarauacá, portanto, fora dos limites da Reserva Extrativista, conforme atesta o mapa e memorial descritivo da Reserva e reza o consenso local. Em final de 1995, passou a tramitar processo no IBAMA em Brasília para a transformação dos seringais Boa Vista, Massapê Duas Nações em área da Reserva Extrativista do Alto Tarauacá. Reivindicações feitas no passado pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tarauacá e, mais recentemente, pelos seringueiros do Município de Jordão pleiteiam a inclusão dos seringais Alagoas, Restauração, Moema e de parte do Jaminauá nessa Reserva.

Nos últimos três anos, herdeiros de antigos seringalistas venderam dois importantes seringais no alto rio Tarauacá. O seringal Iracema foi adquirido pela família Melo, tradicional proprietária de seringais nessa região e de casa comercial na Vila Jordão, cujos membros lograram se eleger em 1992 para a Prefeitura e a Câmara dos Vereadores locais. Da mesma dona, Ivanilde Muniz, a Prefeitura comprou o grande seringal São João, onde já estava situada a sede municipal e cujos fundos se confrontam com os divisores de águas do rio Murú. Nesse seringal, a administração municipal deu início a obras de urbanização da Vila, com a construção de casas, calçadas, das redes elétrica e hidráulica e, ainda, de grande depósito de água e de uma usina geradora de energia, movida a óleo diesel. Muitas colocações de margem e de centro do São João, como também dos seringais incidentes na proposta de criação da Reserva Extrativista do Alto Tarauacá, estão atualmente desocupadas. Nestes seringais, todos os barracões encontram-se desativados. É para esses seringais que está sendo sugerida pela FUNAI a transferência das famílias de seringueiros brancos que ainda ocupam colocações nos seringais Nova Empresa, São Joaquim, Independência e Altamira.

*Rio Branco-Acre, outubro de 1995*

## **Notas**

<sup>1</sup> A este respeito, ver Kanaú, 1986.

<sup>2</sup> A extensão total da Terra Indígena Jamináwa Arara do Rio Bagé é de 28.650 ha, a da Terra Indígena Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu é de 23.840 ha e a da Terra Indígena Alto Tarauacá é de 52.000 ha.

<sup>3</sup> Em 10 de fevereiro de 1992, em cumprimento a “carta precatória” em que figurava como credor o Banco do Brasil e como devedores a Alcobrás -Alcól Brasileiro S.A. e “outros”, foi lavrado no Cartório da Comarca de Tarauacá “auto de penhora e depósito” incidindo sobre os seringais Nova Empresa e o São Joaquim, resultando, ainda, na nomeação de um “depositário particular” para esses bens. Apesar da “ação de desapropriação por interesse social” impetrada pelo IBAMA contra José Alves Pereira Neto, envolvendo apenas o seringal Nova Empresa (6.896 ha), ter sido despachada em 28 de janeiro de 1992 por Juiz Federal sediado em Rio Branco, o “mandado de registro de imóvel desapropriado” foi lavrado no Cartório de Tarauacá no dia 18 de fevereiro, um dia após ter sido comunicado o mandado cumprir ao Oficial do Cartório através de despacho das autoridades do Judiciário estadual.

## Bibliografia

- AQUINO, Txai Terri Valle de & TENÊ KAXINAWÁ, Getúlio Sales  
1988- “Índios Brabos Atacam na Fronteira do Acre com o Perú” (Coluna *Papo de Índio*). **Gazeta do Acre**, Rio Branco, 2 de outubro.
- AQUINO, Txai Terri Valle de & IGLESIAS, Marcelo Piedrafitá  
1994- **Kaxinawá do Rio Jordão: História, Território, Economia e Desenvolvimento Sustentado**. Rio Branco, Gráfica Kenê Hiwe-CPI/Acre, novembro.  
1995- “Processos de Regularização de Terras Indígenas e Organização Política dos Índios no Estado do Acre (1975-1994)”. Rio Branco, mimeo, fevereiro.  
1995- “A Guerra dos Cem Anos”. (Coluna *Papo de Índio*). Semanário **Página 20**, Rio Branco, Ano I, Nº 29, 17 a 23 de setembro, pg. 15.  
1995- “Novos Segredos do Jordão”. (Coluna *Papo de Índio*). Semanário **Página 20**, Rio Branco, Ano I, Nº 30, 24 a 30 de setembro, pg. 15.
- KANAÚ, Abel Silva  
1986- “Conflitos Inter-tribais no Alto Envira”. **Aconteceu Especial 17. Povos Indígenas no Brasil - 85/86** (Beto Ricardo, ed.). São Paulo, Centro Ecumênico de Documentação e Informação, pg. 269-270.
- MATEUS, Agostinho Manduca  
1995- “História dos Índios Arredios na Área Kaxinawá do Rio Jordão”. In: **Yuimaki. Um Jornal Indígena do Acre**, Rio Branco, Gráfica Kenê Hiwe-CPI/Acre, Ano IV, Nº 9, Fevereiro-Abril, pg. 3-4.  
1995- “Relatório das Atividades do Couro Vegetal no Rio Jordão”. Rio Branco, mimeo, março.
- MEIRELLES, José Carlos dos Reis  
1984- “Relatório”. Posto Indígena Mamoadate, mimeo, julho.  
1987- “Os Índios Isolados da Região entre as Cabeceiras dos Rios Breu, Jordão, Tarauacá, Humaitá e Envira”. Rio Branco, mimeo.
- PEREIRA NETO, Antônio  
1987- “Projeto para a Instalação da Frente de Atração Rio Jordão, na Jurisdição da Administração Regional de Rio Branco/Ac - 5ª Superintendência Executiva Regional”. Brasília, mimeo, fevereiro.
- TASTEVIN, Constantin  
1926- “Le Haut Tarauacá”. **La Geographie**. Paris, Tomo XLV, pg. 34-54; 158-175.